

CONCEPÇÕES E VIVÊNCIAS DE MULHERES ENCARCERADAS SOBRE A VIOLÊNCIA*

Zeyne Alves Pires Scherer¹, Edson Arthur Scherer²

RESUMO: Esta pesquisa objetivou descrever as concepções e vivências de mulheres encarceradas sobre a violência. Estudo exploratório descritivo. Aplicada entrevista semiestruturada em 15 presidiárias. Na análise emergiram duas categorias: Concepções e vivências de violência na sociedade - consideraram violência: agressões físicas, abusos sexuais, homicídios e maus-tratos psicológicos dentro do ambiente doméstico (com conivência de familiares) ou fora deste. O contexto de violências que muitas destas mulheres vivenciaram, inclui uma cadeia de múltiplas exclusões legitimadas, por exemplo, pelo tráfico de drogas. Concepções e vivências de violência no cárcere - experiências no cárcere que definem como sofrer agressões físicas, psicológicas e privações da liberdade. O contato permanente com a violência interfere em sua perspectiva de vida. Sugerimos redirecionar os modos de gestão e construir políticas públicas de combate à violência na atenção primária, principalmente no domicílio, onde parece que seu ciclo tem início.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; Prisões; Violência.

CONCEPTS AND EXPERIENCES OF IMPRISONED WOMEN ABOUT VIOLENCE

ABSTRACT: This research aimed to describe the concepts and experiences of imprisoned women about violence. It is an exploratory descriptive study. Semi-structured interviews were held with 15 imprisoned women. In the analysis of answers to the question "What is violence to you?" two categories emerged: "concepts and violence experiences in society", they considered as violence: physical aggressions, sexual abuses, homicides and psychological abuse, inside (with the connivance of family members) or outside the domestic environment. The context of violence that many of these women experienced includes a chain of multiple legitimated exclusions, as drug traffic for example. The category "concepts and violence experiences in prison" includes experiences in prison defined as suffering physical and psychological aggressions and privation of liberty. The permanent contact with violence interferes in their perspective of life. Building public policies against violence in primary care is suggested, especially at home, where the cycle seems to start.

KEYWORDS: Women; Prisons; Violence.

CONCEPCIONES Y VIVENCIAS DE MUJERES ENCARCELADAS BAJO LA VIOLENCIA

RESUMEN: Esta investigación objetivó describir las concepciones y vivencias de mujeres encarceladas bajo la violencia. Estudio exploratorio descriptivo. Fue aplicada entrevista semiestruturada en 15 presidiarias. Del análisis emergieron dos categorías: Concepciones y vivencias de violencia en la sociedad - consideraron violencia: agresiones físicas, abusos sexuales, homicidios y maltratos psicológicos dentro del ambiente doméstico (con connivencia de familiares) o fuera de este. El contexto de violencias que muchas de estas mujeres experimentaron, incluye una cadena de múltiples exclusiones legitimadas, por ejemplo, por el tráfico de drogas. Concepciones y vivencias de violencia en la cárcel - experiencias en la cárcel que definen como interfiere en su perspectiva de vida. Sugerimos reorientar las formas de gestión y construir políticas públicas de combate a la violencia en la atención primaria, principalmente en el domicilio, donde parece que su ciclo tiene inicio.

PALABRAS CLAVE: Mujeres; Prisiones; Violencia.

*Este trabalho apresenta resultados do projeto de pesquisa "Estudo da violência a que mulheres aprisionadas foram expostas em suas vidas" financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo-FAPESP (processo 2007/07052-5).

²Enfermeira. Professora. Doutora do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-EERP-USP, Centro Colaborador da Organização Mundial da Saúde para o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem.

³Professor. Doutor. Médico Psiquiatra. Assistente do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-USP.

Autor correspondente:

Zeyne Alves Pires Scherer

Av. Bandeirantes, 3900 - 14040-902 - Ribeirão Preto-SP

E-mail: scherer@eerp.usp.br

Recebido: 04/02/09

Aprovado: 01/09/09

INTRODUÇÃO

O ser humano, além de sua perspectiva individual, constitui-se como sujeito social que resume em sua *psique* (componentes psíquicos e emocionais) o perfil que elabora do mundo a partir das relações que estabelece com os outros e de si mesmo. O fenômeno da violência, portanto, como produto da história, não pode ser reduzido ao crime e à delinquência, nem ser designado um substrato individual para sua existência⁽¹⁾. As relações sócio-econômicas, políticas e culturais específicas devem ser levadas em conta quando de sua análise, diferenciando-a no tempo e no espaço. Desta forma, a violência social revela a estrutura de dominação e expressa as contradições entre os que querem manter privilégios e os que se revoltam contra a opressão⁽²⁾.

O conceito de violência é apresentado pela Organização Mundial de Saúde-OMS⁽³⁾ como o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si, outra pessoa ou um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação. O agressor é visto como o eixo dominador das relações. A violência, por vezes, é praticada por motivos banais e irrelevantes, incorporada às práticas e interações cotidianas, culturalmente assimiladas, não sendo incomum a convivência ou cumplicidade de familiares nestas situações⁽⁴⁻⁵⁾.

A violência intrafamiliar tem recebido atenção no âmbito social e da saúde pública, em que programas que a combatem passaram a fazer parte de uma agenda internacional. Os atos violentos perpetrados no cenário familiar podem confundir-se com padrões socialmente aceitos. Na educação dos filhos, por exemplo, o uso de medidas disciplinares que podem conter maus-tratos psicológicos, como gritar, xingar, chamar a atenção, ameaçar, ofender ou insultar e físicos, como bater, chutar ou machucar justifica-se como forma de prepará-los para a vida e é prática aceita e repassada de forma transgeracional. Estas situações, nas quais um membro com mais poder abusa de outro, podem vir a constituir-se como motivo para estes saírem de casa. As crianças que testemunham situações de violência têm maior chance de apresentar problemas de aprendizado, emocionais e comportamentais, além de maior risco de se tornarem agressores ou de sofrerem abuso mais tarde⁽⁴⁻⁶⁾.

As violências contra idosos, evidenciadas em abusos físicos, psicológicos, sexuais, financeiros e

negligências tendem, por sua vez, a não chegar aos serviços de saúde. São incorporadas como naturais no cotidiano das relações familiares e nas formas de negligência social e das políticas públicas⁽⁷⁾.

Na situação específica da mulher, a OMS considera a violência de gênero como um problema de saúde pública e é reconhecida como um fenômeno que reflete as desigualdades existentes entre homens e mulheres. É vista como uma forma de violência interpessoal ou intrafamiliar que abrange todo e qualquer ato que possa provocar dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher e ocorre entre parceiros íntimos e membros da família, não só no ambiente doméstico^(3,8).

Estudo realizado junto a mulheres encarceradas no sistema penitenciário do Estado do Rio de Janeiro revelou que a trajetória das detentas se confunde com histórias de violência. Apenas 4,7% das entrevistadas chegaram à prisão sem histórias prévias de vitimização. Experiências traumáticas de violência, especialmente abuso físico ou sexual, com frequência compõem a história pessoal pregressa de mulheres internas em presídios. Tal fator não justifica as atitudes criminais, apenas revela uma condição de violência vivenciada ao longo da vida e que se completa na penitenciária. Soma-se a isso o fato de que a prisão não ajuda a alterar este repertório de violência no qual a maioria delas viveu, mas pode agravá-lo. A violência passa a fazer parte do cotidiano das mulheres que se encontram em cárcere⁽⁹⁻¹¹⁾.

Estas informações são cruciais para a implementação de programas de prevenção de abusos e crimes e reabilitação de mulheres vitimizadas que se tornaram agressoras ou criminosas. Objetivamos no presente estudo descrever as concepções e vivências que mulheres encarceradas têm sobre o tema violência.

MÉTODO

Trata-se de um estudo exploratório descritivo, de campo, com abordagem qualitativa. Entendemos que esta abordagem parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito⁽¹²⁾.

Foi utilizada uma entrevista semiestruturada dividida em duas partes: parte I - dados pessoais de identificação, contendo questões fechadas, registradas manualmente pelo pesquisador; parte II - 10 questões abertas sobre o foco de interesse do estudo, as quais

foram previamente construídas e submetidas à apreciação de três juízes.

Fizeram parte deste estudo 15 reeducandas[†] da Penitenciária Feminina de Ribeirão Preto-SP, de um total de 310 mulheres encarceradas. A amostra foi selecionada de forma aleatória, com o critério de progressão aritmética de razão 20 a partir da primeira reeducanda citada na lista oficial (ordem alfabética) da penitenciária. Quando alguma das selecionadas não aceitou participar do estudo foram selecionadas as mulheres em posição imediatamente posterior ou anterior na referida lista, respectivamente, até atingir a amostra necessária de 15. Esta composição da amostra constituiu uma faixa numérica que poderia ter sido ampliada para baixo ou para cima, atendendo aos objetivos propostos e aos ditames do campo⁽¹³⁾.

A coleta de dados foi realizada no período de março a junho de 2008. As entrevistas foram gravadas no Núcleo de Segurança e Disciplina – Parlatório da penitenciária, aos sábados pela manhã, devido à disponibilidade dos pesquisadores e da Instituição, com duração média de quarenta minutos cada. Neste dia, cada reeducanda era orientada pelos pesquisadores sobre o estudo e convidada a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após cada entrevista foi feito um diário de campo pelos entrevistadores constando sua percepção sobre as entrevistadas (gestos, atitudes e inflexões de voz).

O projeto foi aprovado sob o protocolo nº 0739/2006, pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP e autorizado pela Secretaria de Segurança do Estado de São Paulo (secretário administrativo, secretário adjunto, juiz da execução e pela diretora de reabilitação da Penitenciária de Ribeirão Preto).

Neste trabalho apresentamos a análise de conteúdo temática⁽¹⁴⁾ referente às respostas à questão: O que é violência para você?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira dificuldade encontrada foi relacionada à demora para conseguirmos a autorização da instituição para iniciarmos nosso estudo. Foi necessário o encaminhamento do projeto de pesquisa,

carta de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa e carta da Direção da Penitenciária de Ribeirão Preto para a Secretaria de Segurança do Estado de São Paulo, a qual passou pela aprovação de seu Secretário Administrativo, Secretário Adjunto e Juiz de Execução. Neste processo, foram quase três meses de espera para iniciarmos a coleta de dados.

Outra dificuldade encontrada foi relacionada a repetidas interrupções de algumas entrevistas pelas agentes penitenciárias. Estas assim procederam, talvez por desconhecimento ou por falta de orientação quanto à importância do sigilo no momento de uma investigação científica. Além do fato de que pesquisa não se constitui como prática comum nesta instituição. Uma outra questão que vale ressaltar, foi o número de reeducandas que se mostraram resistentes em participar do estudo. Uma hipótese para tal fato pode ser o receio que as mesmas poderiam ter de virem a sofrer algum tipo de repreensão ou represália, ou mesmo de que as informações que prestassem pudessem vir a ser utilizadas contra elas em seus processos judiciais. Isto, apesar do contrato de sigilo e anonimato claramente expresso no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A faixa etária da amostra que compôs o estudo variou de 21 a 74 anos (média de 32 anos); 10 solteiras e 5 casadas ou amasiadas; 13 eram naturais do Estado de São Paulo; 11 católicas e 4 evangélicas; e frequentaram escola em média por 6,5 anos. Desempenhavam atividades laborais de baixa qualificação e remuneração, dentre elas afazeres domésticos, vendedoras, auxiliar de enfermagem, manicure, comerciante e lavradora. Moravam com a família até sua reclusão, com renda familiar média de mil reais. Este perfil socioeconômico é semelhante ao encontrado na literatura⁽⁹⁻¹⁰⁾.

Durante as entrevistas as reeducandas utilizaram linguagem formal e postura respeitosa e submissa. Este caráter formal das relações entre equipe gestora das instituições fechadas e seus internos é um padrão de conduta obrigatória, às vezes imposta desde o momento de sua entrada⁽¹⁵⁾. No entanto, ao longo das entrevistas mostraram disposição para ajudar, compartilhando suas vivências, apesar de algumas demonstrarem desconfiança e resistência para falar das experiências que lhes causavam sofrimento.

Da análise das respostas das reeducandas emergiram duas categorias: Concepções e vivências de violência na sociedade; e Concepções e vivências de violência no cárcere.

[†]O termo reeducandas será utilizado nesta pesquisa para identificar as detentas, pois, esta é a forma como são conhecidas as mulheres que se encontram cumprindo pena na Penitenciária Feminina de Ribeirão Preto.

Concepções e vivências de violência na sociedade

Nesta categoria as reeducandas consideraram como violência as agressões físicas, abusos sexuais, homicídios e maus-tratos psicológicos nas relações interpessoais (rejeição, depreciação, discriminação, desrespeito, intimidação, opressão, cobrança ou punição exageradas) e praticados dentro do ambiente doméstico ou fora deste. Entre as vítimas mencionam as crianças que nascem com total falta de defesa e perduram durante tempo prolongado na dependência de outros (adultos); as mulheres (gênero) por sua posição de submissão e passividade, desprovida de vontades e direitos, com função voltada unicamente à execução de tarefas domésticas; e os idosos identificados como dependentes físicos ou mentais, e caracterizados como improdutivos, imperfeitos e obsoletos. Esta população é igualmente citada na literatura como vulnerável a violências^(4-5,16-17).

Estas mulheres parecem identificar o agressor como o eixo dominador das relações e, em geral, este papel é atribuído à figura masculina (marido ou pai). A violência, para elas, pode ser praticada por motivos corriqueiros e sem grande valor, não sendo incomum a conivência e mesmo a cumplicidade de familiares nestas situações. Estes achados são corroborados em outros estudos⁽⁴⁻⁵⁾.

É homem que bate em mulher por coisas que não tem razão, é o mundo das drogas que acaba trazendo a gente para um lugar desses, e muitas vezes lá fora a gente não tem essa visão e a gente acaba entrando num mundo barulhento e fácil, e acaba não vendo que você pode se prejudicar, isso é violência [...]. São pais que espancam e torturam seus próprios filhos (S.1).

Violência pra mim é esse negócio de homem bater em mulher, de ser abusada, violência com criança [...]. Ah! É um matando o outro, batendo, matando até por causa de cigarro, estuprando. A mãe vendo um estuprando o outro. Isso ai é violência pra mim (S.4).

Tem vários tipos de violência, tem a violência do crime, a violência de pessoa para pessoa. Acho que cada uma tem uma forma e também uma periculosidade maior ou menor (S.8).

É o fim do mundo, um absurdo [...]. Tem várias

formas, física, opressão que também é violência (S.11).

É briga, mexer com drogas [...] quando tem a droga tem briga e quando não tem droga a briga piora [...] álcool também, você não vai brigar com uma pessoa sem ter a cabeça cheia de drogas (S.12)

Violência é a droga, começa por causa da droga. Brigas, estupro, roubos, opressões, morte (S.13)

Violência para mim é o maltrato com criança, com idoso, é fazer o que eu fazia, traficava. É roubo, é você matar uma pessoa. É abuso de crianças e de pessoas idosas (S.14).

Violência é quando a pessoa tira a vida da outra. Pessoas que maltratam idosos e crianças. Violência é toda a sociedade, porque a gente tem a educação lá fora, mas muitas das pessoas que não tem o privilégio de ter essa educação acabam indo para outro tipo de rumo. É onde gera a violência e os prejuízos para a sociedade (S.15).

O contexto de violências que muitas destas mulheres vivenciaram, sofreram ou presenciaram, inclui uma cadeia de múltiplas exclusões legitimadas pelo envolvimento em práticas violentas ou perigosas, como o homicídio, roubo, tráfico de drogas em busca, muitas vezes, da felicidade. Tais práticas acabam por levá-las à privação da liberdade considerada uma das manifestações mais violentas da nossa sociedade⁽¹⁸⁾.

As configurações da violência explícitas nas falas acima podem ser percebidas conforme o ciclo da violência, que tem início no berço familiar e nas instituições que abrigam crianças e adolescentes, eterniza-se no casamento, estende-se na ação tradicional das polícias e se completa no sistema penitenciário, para recomençar, provavelmente, na vida das futuras egressas⁽¹⁰⁾.

Além da violência interpessoal citada pelas reeducandas, observamos nos seus relatos a menção da mesma como sendo um problema de origem social, fruto das desigualdades, da falta de acesso à educação e oportunidades de emprego formal. Há diversos registros na literatura sobre a estreita relação entre pobreza, desigualdade social e violência, no entanto esta ainda é uma questão complexa e geradora de muitos debates. É correto afirmar que a criminalidade possui relação direta com os fatores ambientais e de origem

socioeconômica, no entanto ao reduzirmos o crime e a delinquência apenas às populações menos favorecidas incorremos no erro de ignorar outros fatores como a violência estrutural e cultural presentes na sociedade. Portanto, o fenômeno da violência deve ser abordado como de origem polimórfica e multifacetada^(2,19-20).

Concepções e vivências de violência no cárcere

Nesta categoria as mulheres se reportam à violência como sendo sofrer agressões físicas (brigas), psicológicas (intimidação da parte de outras mulheres encarceradas) e privações da liberdade decorrentes do encarceramento (perda de contato com familiares e do conforto e prazeres da vida fora da prisão).

Eu não tenho visita, não recebo uma carta, não vou embora, eu não tenho nada. Nada pode fazer aqui, tudo que faz dá castigo. Eu nem saio da cela (S.5).

Violência não tem nem como falar, a gente está dentro dela, aqui como reeducanda são 24 horas [...] na rua a gente passa por violências, assaltos. Aqui dentro já é assim, nada você pode, não pode falar [...] não pelos policiais ou pelas agentes [...] a gente é muito visada pelas presas [...] se você conversar, falar bom dia você já está “correndo com a polícia”, então você é cobrada pelas presas, não pela polícia [...]. A violência para mim é uma mulher que está no mesmo sofrimento que o seu te deixar assim, não é nem oprimida, é sem ação. Eu fico cada dia mais assustada, porque quando você não está nesse mundo aqui dentro, você imagina a violência só pela televisão (S.6).

Eu estou me sentindo triste por estar presa, podia estar lá fora terminando meus estudos (S.7).

Eu errei por vender drogas [...] a gente tem que ficar aqui para aprender [...] eu tenho um filho de um ano lá fora, ele começou a andar e eu não vi! Minha mãe vem me ver de vez em quando [...] faz um ano que estou aqui e ela veio duas vezes. Aqui é uma cadeia péssima! Na comida daqui acha cabelo, perna de barata, acha de tudo, é assim você vai morrendo aos poucos, é duro aqui dentro. Fazer o que, a gente errou tem que pagar! Não tem que pagar? Vir prá cá é castigo, não pode reclamar. Eu não falo, não saio da cela, fico quietinha prá não arrumar confusão, porque eu

quero ir embora logo (S.12).

Esse lugar prá mim é uma violência, estar nesse lugar, viver aqui, tantas perdas estando nesse lugar! Há seis meses eu perdi minha mãe e depois de um mês meu irmão. Tudo isto aconteceu comigo estando dentro deste lugar [...] foi uma lição, nunca mais vou esquecer deste lugar, das coisas que eu vivo, que eu vejo [...] tudo o que eu vou fazer lá fora, vou lembrar, no que eu comer, vestir, tudo isto tem valor depois que a gente cai aqui dentro. Só quem passa por aqui sabe o que é este lugar (S.13).

As reeducandas se referem à instituição como limitante e opressora, na medida em que, por motivos que não informaram, sofrem castigos. Como forma de evitar e se defender de castigos, optam por ficar isoladas em suas celas, evitando contato com as demais detentas e mesmo com as agentes penitenciárias e policiais. Parece que as mulheres deste estudo estabelecem alguma forma de hierarquia de poder no cárcere, na qual algumas exercem domínio sobre outras. É criado um poder paralelo. A ampliação da natureza dos atos violentos inclui as ações resultantes de uma relação de poder entre a vítima e o agressor, como a intimidação e a opressão⁽²¹⁾.

A prisão como local de privação de liberdade e de reiteradas situações de negligência incumbe-se de colocar a detenta, desde a sua chegada, na mais baixa posição social. Esta é levada a buscar estratégias de sobrevivência e, na maioria das vezes, submeter-se a um papel inferior para obter vantagens e evitar punições. Estas circunstâncias não favorecem a interrupção da violência, mas, reforçam-na e contribuem para que se consolide na vida destas mulheres e daqueles que as cercam. Dentro das instituições fechadas o indivíduo perde o contato com o mundo externo e, conseqüentemente, perde papéis que tinha na sociedade, além de sofrer um processo gradual de perda de identidade. O ambiente prisional coloca em contato íntimo pessoas das mais variadas origens e personalidades, o que torna a convivência difícil, gerando um cenário propício para conflitos e desentendimentos entre os internos^(11,15).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de conteúdo das respostas a uma única questão sobre o que as reeducandas entendem por violência possibilitou-nos concluir que as mesmas

estão em contato permanente com este fenômeno antes, durante e, possivelmente, após o cárcere. Isto nos traz o questionamento acerca da perspectiva de vida destas pessoas e do que fazer para melhorá-la. O saber possibilitado neste estudo permite-nos sugerir a necessidade de redirecionamento dos modos de gestão e de construção das políticas públicas de combate à violência na atenção primária, principalmente no domicílio, onde parece que o ciclo da violência tem início.

REFERÊNCIAS

1. Engels F. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. São Paulo: Global; 1976.
2. Minayo MCS, Souza ER. Violência e saúde como um campo interdisciplinar de ação coletiva. *Hist Cienc Saúde – Manguinhos*. 1998; 4(3):13-31.
3. World Health Organization. Global consultation on violence and health. Violence: a public health priority. Geneva: WHO, (document WHO/EHA/SPI. POA.2); 1996
4. Sullca TF, Schirmer J. Violência intrafamiliar na adolescência na cidade de Puno-Peru. *Rev Latino-Am Enferm*. 2006;14(4):578-85.
5. Sagim MB, Biasoli-Alves ZM, Delfino V, Vanturini FP. Violência doméstica: a percepção que as vítimas têm de seu parceiro, do relacionamento mantido e das causas da violência. *Cogitare Enferm*. 2007;12(1):30-6.
6. Reichenheim ME, Hasselmann MH, Moraes CL. Conseqüências da violência familiar na saúde da criança e do adolescente: contribuições para elaboração de propostas de ação. *Cienc Saúde Col*. 1999;4(1):109-21.
7. Minayo MCS. Violência contra idosos: relevância para um velho problema. *Cad Saúde Publ*. 2003;19(3):783-91.
8. Minayo MCS. Violência: um velho-novo desafio para a atenção à saúde. *Rev Bras Educ Médica*. 2005;29(1):55-63.
9. Soares BM. Retrato das mulheres presas no estado do Rio de Janeiro 1999/2000. *Bol Segur Cidadania*. 2002; 1(1):1-8.
10. Soares BM, Ilgenfritz I. Prisioneiras: vida e violência atrás das grades. Rio de Janeiro: Garamond; 2002.
11. Guedes MA. Intervenções psicossociais no sistema carcerário feminino. *Psicol Cienc Profissão*. 2006;26(4):558-69.
12. Chizzotti A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez; 2000.
13. Turato ER. Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis: Vozes; 2003.
14. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 6ª ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco; 1999.
15. Goffman E. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Perspectiva;1990.
16. Queiroz ZPV. Ações preventivas à violência contra idosos. *Acta Paul Enferm*. 2000;13(n. esp. Parte I):176-80.
17. Scherer EA, Scherer ZAP. A criança maltratada: uma revisão da literatura. *Rev Latino-Am Enferm* 2000;8(4):22-9.
18. Wanderley MB. Refletindo sobre a noção de exclusão. In: Sawaia BB, organizadora. As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes; 1999.
19. Zaluar A, Noronha JC, Albuquerque C. Violência: pobreza ou fraqueza institucional? *Cad Saude Publ*. 1994;10 (supl.1):213-17.
20. Cruz Neto O, Moreira MR. A Concretização de políticas públicas em direção à prevenção da violência estrutural. *Cienc Saúde Col*. 1999;4(1):33-52.
21. Dahlberg LL, Krug EG. Violence a global public health problem. *Rev Cienc Saúde Col*. 2006;11(2):277-92.